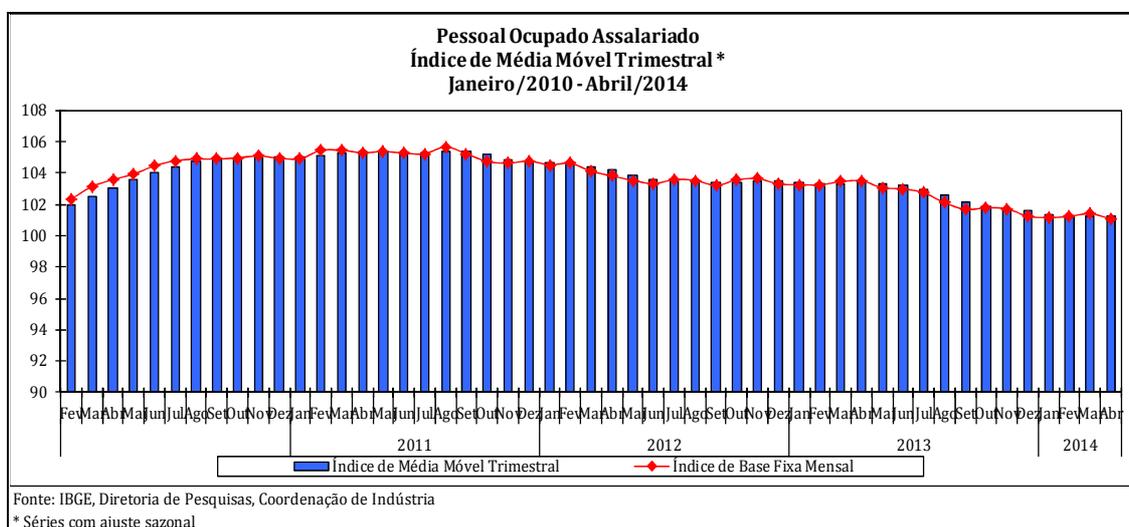


COMENTÁRIOS

PESSOAL OCUPADO ASSALARIADO

Em abril de 2014, o total do pessoal ocupado assalariado na indústria mostrou variação negativa de 0,3% frente ao patamar do mês imediatamente anterior, na série livre de influências sazonais, após dois meses consecutivos de taxas positivas: 0,1% em fevereiro e 0,2% em março. Com esses resultados, o índice de média móvel trimestral repetiu no trimestre encerrado em abril de 2014 (0,0%) o patamar assinalado no mês anterior, após registrar ligeira variação positiva (0,1%) em março último quando interrompeu a trajetória descendente iniciada em abril do ano passado.



Na comparação com igual mês do ano anterior, o emprego industrial mostrou queda de 2,2% em abril de 2014, trigésimo primeiro resultado negativo consecutivo nesse tipo de confronto e o mais intenso desde dezembro de 2009 (-2,4%). No índice acumulado para o primeiro quadrimestre de 2014, o total do pessoal ocupado na indústria assinalou recuo de 2,0%, intensificando, assim, o ritmo de queda frente ao registrado no último quadrimestre do ano passado (-1,7%), ambas as comparações contra iguais períodos do ano anterior. A taxa anualizada, índice acumulado nos últimos doze meses, ao recuar 1,5% em abril de 2014, manteve a trajetória ligeiramente descendente iniciada em agosto do ano passado (-1,0%).

No confronto com igual mês do ano anterior, o emprego industrial recuou 2,2% em abril de 2014, com o contingente de trabalhadores apontando

redução em onze dos quatorze locais pesquisados. O principal impacto negativo sobre a média global foi observado em São Paulo (-3,3%), pressionado em grande parte pela redução no total do pessoal ocupado em treze das dezoito atividades, com destaque para as indústrias de produtos de metal (-15,4%), produtos têxteis (-10,6%), máquinas e equipamentos (-3,8%), calçados e couro (-13,8%), refino de petróleo e produção de álcool (-11,0%), meios de transporte (-2,8%), alimentos e bebidas (-1,6%), outros produtos da indústria de transformação (-5,6%) e papel e gráfica (-3,3%). Vale citar também os resultados negativos assinalados por Rio Grande do Sul (-4,6%), Paraná (-3,7%) e Minas Gerais (-2,2%), com o primeiro influenciado, principalmente, pelas quedas verificadas nos setores de calçados e couro (-10,5%), máquinas e equipamentos (-7,3%), metalurgia básica (-19,8%), máquinas e aparelhos eletroeletrônicos e de comunicações (-12,2%), produtos de metal (-4,8%), meios de transporte (-3,4%) e vestuário (-9,9%); o segundo pressionado especialmente pelos ramos de máquinas e aparelhos eletroeletrônicos e de comunicações (-37,2%), vestuário (-7,4%), outros produtos da indústria de transformação (-7,1%), meios de transporte (-6,2%) e produtos de metal (-8,0%); e o último devido à retração registrada em calçados e couro (-17,1%), meios de transporte (-4,3%), máquinas e aparelhos eletroeletrônicos e de comunicações (-6,3%), outros produtos da indústria de transformação (-4,5%), borracha e plástico (-6,2%) e vestuário (-3,0%). Por outro lado, Pernambuco (4,4%) e Região Nordeste (0,3%) apontaram as contribuições positivas sobre o emprego industrial do país em abril de 2014, impulsionados, em grande parte, pelos setores de alimentos e bebidas (9,6%), no primeiro local; e de alimentos e bebidas (3,4%), de minerais não-metálicos (4,0%), de vestuário (1,9%) e de produtos químicos (4,8%), no segundo.

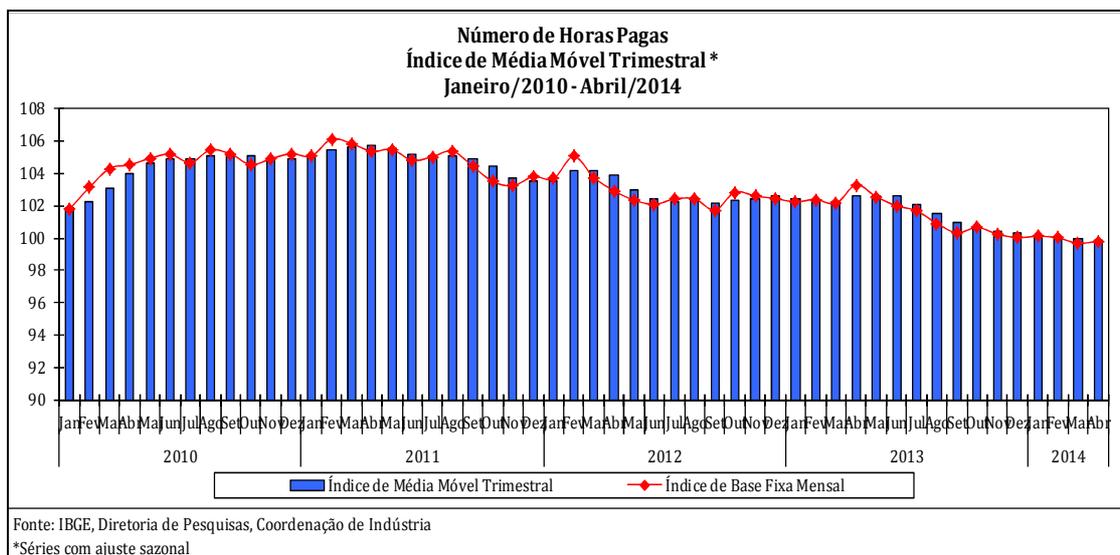
Setorialmente, ainda no índice mensal de abril de 2014, o total do pessoal ocupado assalariado recuou em treze dos dezoito ramos pesquisados, com destaque para as pressões negativas vindas de produtos de metal (-7,3%), calçados e couro (-8,5%), máquinas e aparelhos eletroeletrônicos e de comunicações (-7,0%), meios de transporte (-3,5%), refino de petróleo e

produção de álcool (-10,4%), produtos têxteis (-5,1%) e máquinas e equipamentos (-2,8%). Por outro lado, o principal impacto positivo sobre a média da indústria foi observado no setor de alimentos e bebidas (1,2%).

No índice acumulado do primeiro quadrimestre de 2014, o emprego industrial mostrou queda de 2,0%, com taxas negativas em onze dos quatorze locais e em quatorze dos dezoito setores investigados. Entre os locais, São Paulo (-3,1%) apontou o principal impacto negativo no total da indústria, vindo a seguir Rio Grande do Sul (-4,1%), Paraná (-3,0%), Minas Gerais (-1,6%) e Região Nordeste (-0,7%). Por outro lado, Pernambuco (2,6%) e a Região Norte e Centro-Oeste (0,3%) exerceram as pressões positivas no índice acumulado dos quatro primeiros meses do ano. Setorialmente, ainda no índice acumulado no ano, as contribuições negativas mais relevantes sobre a média nacional vieram de produtos de metal (-6,5%), máquinas e equipamentos (-4,7%), calçados e couro (-7,6%), máquinas e aparelhos eletroeletrônicos e de comunicações (-6,3%), produtos têxteis (-4,7%), meios de transporte (-2,4%) e refino de petróleo e produção de álcool (-7,9%). Em sentido contrário, os principais impactos positivos foram registrados por alimentos e bebidas (1,4%) e produtos químicos (2,1%).

NÚMERO DE HORAS PAGAS

Em abril de 2014, o número de horas pagas aos trabalhadores da indústria, já descontadas as influências sazonais, mostrou variação positiva de 0,1% frente ao nível do mês imediatamente anterior, interrompendo dois meses seguidos de taxas negativas, período em que acumulou perda de 0,4%. Com esses resultados, o índice de média móvel trimestral apontou variação negativa de 0,1% no trimestre encerrado em abril de 2014 frente ao patamar do mês anterior e manteve a trajetória descendente iniciada em maio de 2013.



O número de horas pagas aos trabalhadores da indústria, ao mostrar recuo de 3,1% no índice mensal de abril de 2014, assinalou a décima primeira taxa negativa consecutiva neste tipo de confronto e a mais intensa desde outubro de 2009 (-5,3%). No índice acumulado dos quatro primeiros meses de 2014, o número de horas pagas na indústria recuou 2,5%, ritmo de queda mais intenso do que o observado no último quadrimestre de 2013 (-2,0%), ambas as comparações contra iguais períodos do ano anterior. A taxa anualizada, índice acumulado nos últimos doze meses, ao passar de -1,4% em março para -1,7% em abril de 2014, manteve a trajetória descendente iniciada em setembro de 2013 (-1,0%).

Em abril de 2014, o número de horas pagas recuou 3,1% no confronto com igual mês do ano anterior, com taxas negativas em onze dos quatorze locais e em quatorze dos dezoito ramos pesquisados. Em termos setoriais, as principais influências negativas vieram de máquinas e aparelhos eletroeletrônicos e de comunicações (-10,3%), produtos de metal (-8,3%), meios de transporte (-5,5%), calçados e couro (-9,1%), máquinas e equipamentos (-5,3%) e produtos têxteis (-5,8%). Em sentido contrário, os setores de alimentos e bebidas (1,1%) e de minerais não-metálicos (1,6%) assinalaram os impactos positivos mais importantes nesse mês.

Entre os locais, ainda na comparação com igual mês do ano anterior, São Paulo (-4,6%) apontou a principal influência negativa sobre o total do país em abril de 2014, pressionado em grande parte pela redução no número

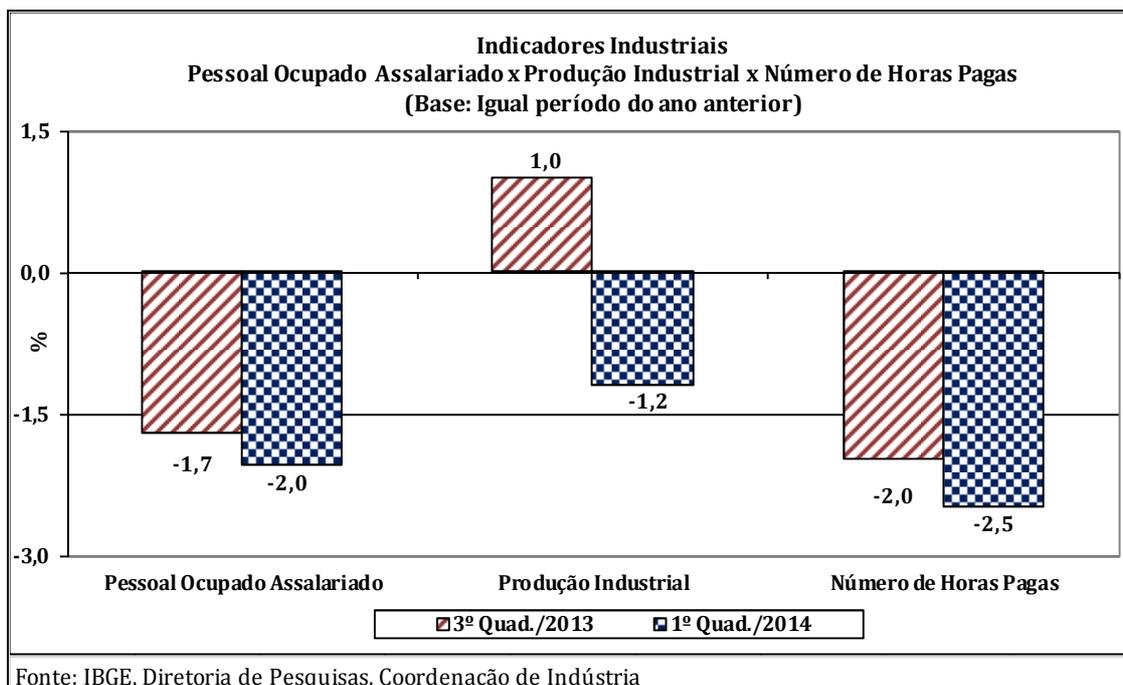
de horas pagas nos setores de produtos de metal (-17,1%), máquinas e equipamentos (-6,8%), meios de transporte (-6,1%), produtos têxteis (-11,6%), máquinas e aparelhos eletroeletrônicos e de comunicações (-5,4%) e calçados e couro (-13,0%). Vale mencionar também os impactos negativos assinalados por Rio Grande do Sul (-6,2%), devido, sobretudo, aos recuos verificados em calçados e couro (-12,1%), máquinas e equipamentos (-11,3%), meios de transporte (-7,1%), produtos de metal (-6,6%), máquinas e aparelhos eletroeletrônicos e de comunicações (-14,6%) e metalurgia básica (-20,1%); Paraná (-5,2%), explicada em grande medida pela queda nos ramos de máquinas e aparelhos eletroeletrônicos e de comunicações (-43,4%), meios de transporte (-9,2%), produtos de metal (-10,9%) e outros produtos da indústria de transformação (-7,2%); e Minas Gerais (-3,2%), em função, principalmente, dos recuos observados em calçados e couro (-18,2%), meios de transporte (-6,9%), máquinas e aparelhos eletroeletrônicos e de comunicações (-6,8%), borracha e plástico (-10,0%) e alimentos e bebidas (-2,1%). Por outro lado, Pernambuco (1,7%) e Rio de Janeiro (0,6%) exerceram os impactos positivos sobre o total do número de horas pagas nesse mês, impulsionados, em grande parte, pela expansão verificada nos setores de alimentos e bebidas (3,1%), máquinas e aparelhos eletroeletrônicos e de comunicações (17,9%), refino de petróleo e produção de álcool (25,5%), produtos químicos (8,8%) e vestuário (4,6%), no primeiro local; e de alimentos e bebidas (18,2%), no último.

No índice acumulado do primeiro quadrimestre de 2014 houve recuo de 2,5% no número de horas pagas, com quatorze dos dezoito setores pesquisados apontando taxas negativas. Os impactos negativos mais relevantes na média global da indústria foram verificados nos ramos de máquinas e aparelhos eletroeletrônicos e de comunicações (-8,9%), produtos de metal (-7,4%), máquinas e equipamentos (-6,0%), calçados e couro (-7,9%), meios de transporte (-3,2%) e produtos têxteis (-5,8%). Em sentido oposto, o setor de alimentos e bebidas (1,1%) exerceu a principal contribuição positiva sobre o total do número de horas pagas aos trabalhadores da indústria. Em nível regional, dez dos quatorze locais investigados apontaram taxas

negativas, com destaque para o recuo de 3,8% registrado por São Paulo, vindo a seguir as perdas verificadas no Rio Grande do Sul (-5,0%), Paraná (-4,3%), Minas Gerais (-2,3%) e Região Nordeste (-1,8%). Em contrapartida, a Região Norte e Centro-Oeste (1,5%) e o Rio de Janeiro (0,9%) assinalaram as influências positivas mais relevantes nos quatro primeiros meses de 2014.

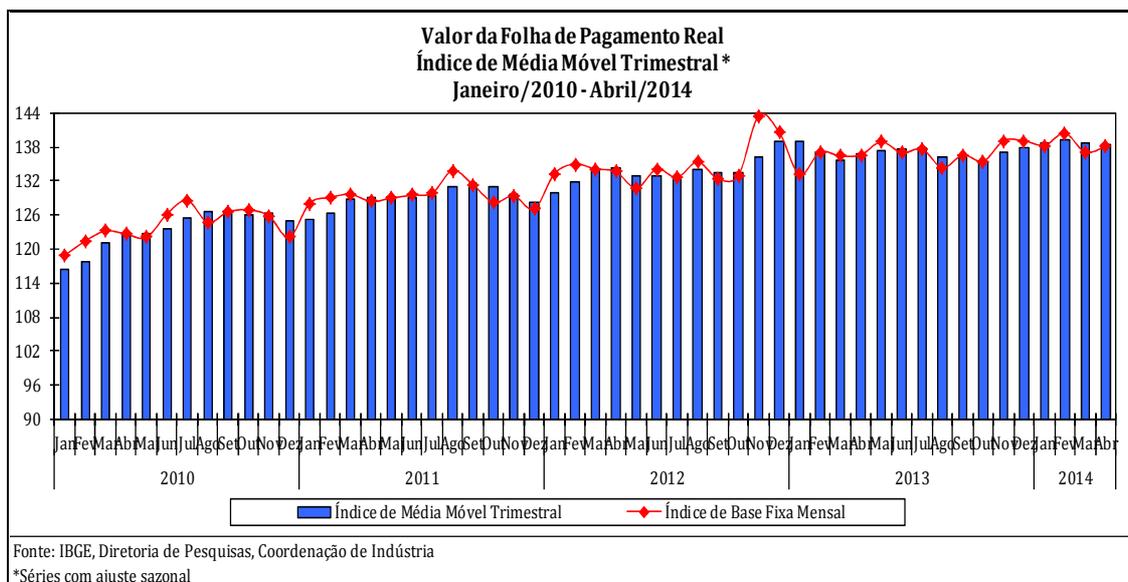
Em síntese, o total do pessoal ocupado assalariado e o número de horas pagas na indústria permaneceram com o comportamento de menor intensidade, com o primeiro voltando a mostrar resultado negativo após dois meses de taxas ligeiramente positivas, e o segundo mesmo assinalando variação de 0,1% nesse mês não eliminou a perda de 0,4% acumulada nos meses de fevereiro e março. A evolução do índice de média móvel trimestral reforça esse quadro de menor ritmo do mercado de trabalho do setor industrial, já que esse indicador prosseguiu nas duas variáveis com o desempenho predominantemente negativo desde o primeiro semestre do ano passado.

Na comparação com igual mês do ano anterior, o pessoal ocupado assalariado e o número de horas pagas na indústria prosseguiram em abril de 2014 assinalando taxas negativas, com ambos apontando as perdas mais intensas desde, respectivamente, dezembro e outubro de 2009. Com isso, o índice acumulado no primeiro quadrimestre de 2014 intensificou o ritmo de queda frente ao resultado do último quadrimestre do ano passado, ambas as comparações contra igual período do ano anterior, tanto no total do pessoal ocupado assalariado, que passou de -1,7% para -2,0%, como no número de horas pagas (de -2,0% para -2,5%), acompanhando o movimento de redução de também verificado na produção industrial (de 1,0% para -1,2%).



FOLHA DE PAGAMENTO REAL

Em abril de 2014, o valor da folha de pagamento real dos trabalhadores da indústria ajustado sazonalmente avançou 0,7% frente ao mês imediatamente anterior, após assinalar recuo de 2,3% em março e crescer 1,5% em fevereiro. Vale destacar que nesse mês verifica-se a influência positiva tanto da indústria de transformação (0,8%), como do setor extrativo (2,4%). O índice de média móvel trimestral para o total da indústria assinalou variação negativa de 0,1% na passagem dos trimestres encerrados em março e abril de 2014 e manteve a trajetória descendente iniciada em fevereiro último.



Na comparação com igual mês do ano anterior, o valor da folha de pagamento real assinalou crescimento de 0,9% em abril de 2014, quarto resultado positivo consecutivo nesse tipo de confronto. No índice acumulado no primeiro quadrimestre de 2014, o valor da folha de pagamento real na indústria avançou 1,8% e reverteu a queda de 0,7% observada no último quadrimestre de 2013, ambas as comparações contra iguais períodos do ano anterior. A taxa anualizada, índice acumulado nos últimos doze meses, ao crescer 1,2% em abril de 2014, mostrou perda de ritmo frente aos resultados de janeiro (1,6%), fevereiro (1,5%) e março (1,4%).

Na comparação com igual mês do ano anterior, o valor da folha de pagamento real apontou avanço de 0,9% em abril de 2014, com resultados positivos em doze dos quatorze locais investigados. Os principais impactos positivos sobre a média global foram observados na Região Norte e Centro-Oeste (4,4%), Santa Catarina (3,6%), Região Nordeste (2,5%) e Rio Grande do Sul (2,3%), impulsionados em grande parte pelos avanços registrados nos setores de alimentos e bebidas (5,1%), indústrias extrativas (15,3%) e minerais não-metálicos (23,5%), no primeiro local, de alimentos e bebidas (14,3%), vestuário (6,2%), minerais não-metálicos (13,6%), produtos têxteis (4,8%), madeira (14,4%) e papel e gráfica (8,2%), no segundo, de produtos químicos (13,7%), alimentos e bebidas (4,8%) e minerais não-metálicos (8,7%), no terceiro, de meios de transporte (23,7%), outros produtos da

indústria de transformação (7,2%) e produtos químicos (10,3%), no último. Em sentido contrário, a principal influência negativa foi assinalada por São Paulo (-0,6%), pressionado, em grande parte, pela queda no valor da folha de pagamento real dos setores de produtos de metal (-12,6%), máquinas e aparelhos eletroeletrônicos e de comunicações (-6,5%), papel e gráfica (-6,4%), meios de transporte (-1,5%), outros produtos da indústria de transformação (-7,5%) e de máquinas e equipamentos (-0,8%).

Setorialmente, ainda no índice mensal de abril de 2014, o valor da folha de pagamento real no total do país avançou em oito dos dezoito ramos investigados, com destaque para alimentos e bebidas (7,3%), produtos químicos (4,2%), minerais não-metálicos (7,4%), indústrias extrativas (4,3%) e borracha e plástico (3,2%). Por outro lado, os principais impactos negativos foram verificados nos setores de máquinas e aparelhos eletroeletrônicos e de comunicações (-9,6%), produtos de metal (-4,7%), papel e gráfica (-3,1%), metalurgia básica (-2,6%) e calçados e couro (-4,4%).

No índice acumulado no primeiro quadrimestre de 2014, o valor da folha de pagamento real avançou 1,8%, com taxas positivas em dez dos quatorze locais pesquisados. A principal contribuição positiva sobre o total da indústria foi assinalada por São Paulo (1,5%) vindo a seguir as influências registradas por Região Norte e Centro-Oeste (6,3%), Minas Gerais (2,4%), Santa Catarina (4,2%) e Paraná (3,0%). Em sentido contrário, o impacto negativo mais importante foi observado no Rio de Janeiro (-1,4%).

Setorialmente, ainda no índice acumulado no ano, o valor da folha de pagamento real avançou em onze das dezoito atividades pesquisadas, impulsionado, principalmente, pelos ganhos vindos de alimentos e bebidas (5,6%), meios de transporte (3,1%), minerais não-metálicos (7,2%), borracha e plástico (5,3%), indústrias extrativas (2,6%) e vestuário (3,4%). Por outro lado, os setores de máquinas e aparelhos eletroeletrônicos e de comunicações (-3,0%), papel e gráfica (-2,2%), produtos de metal (-1,9%), máquinas e equipamentos (-0,5%) e madeira (-3,7%) assinalaram as principais

contribuições negativas no índice acumulado nos quatro primeiros meses do ano.